



Lusofonia(s) Hoje: Timor-Leste e a idealização de um espaço lusófono

Lusofonia (Lusofonias) Today: Timor-Leste and the idealization of a lusophone space

SORAIA VALY M. F. LOURENÇO¹

Resumo

Este artigo reflete acerca das representações que o termo *lusofonia* tem incorporado, procurando analisar o(s) seu(s) percurso(s) numa viagem algo conturbada e ao longo da qual se têm (des)encontrado vozes, que, de algum modo, procuram um ponto de interseção na complexidade identitária, cultural e linguística que o conceito tende a mitificar.

Timor-Leste, o mais recente país de língua oficial portuguesa (LOP) a integrar a CPLP e a (re)integrar o “mundo lusófono” renasce em plena era de globalização, após 24 anos de violento extermínio cultural e linguístico, reclamando o que considera seu por direito histórico e passado comum – a língua portuguesa e com ela, a reinvenção da sua identidade. Este renascimento vem procurar uma reintegração num espaço que já foi o seu, reingressar numa História que já foi a sua e recuperar memórias numa língua que também já lhe pertenceu. Num país em que os vocábulos iniciados por “re-” têm um significado especial e em que *reconstruir* é a palavra de ordem, surge-nos a ela associada a *reintrodução* da língua portuguesa, através da qual vem tudo o resto.

A lacuna histórica de 24 anos é por muitos, e não raras vezes, ignorada criando a ilusão de que estamos a dar continuidade a um processo e não a reconstruí-lo de raiz. As novas tecnologias, a livre mobilidade, as oportunidades económicas, académicas e sociais vêm conferir uma perspetiva completamente nova e diferente daquela que existia relativamente à importância e estatuto de uma língua.

Coloca-se então a seguinte questão que pode ser igualmente interpretada como um verdadeiro desafio – que lusofonia(s) pode(m) aproximar, respeitando memórias, especificidades e culturas tão diversas, o que é tão disperso geograficamente, concretizando na realidade um projeto que, hoje, satisfaça todos os que partilham um passado, um presente e que perspetivam um futuro associado à língua portuguesa?

Palavras-chave: Lusofonia; globalização; português; Timor-Leste

Abstract

This article aims to reflect on the representations that the term *lusofonia* has incorporated till today, and will attempt to analyze its course (s) in a troubled trip in which you have discovered voices, which, somehow, are looking for a point of intersection of the complex identity, cultural and linguistic concepts that the term tends to mystify.

Timor-Leste is the latest country where Portuguese is the official language to join the Community of Portuguese Language Countries, consequently (re) integrating the “Lusophone world” reborn in the era of globalization, after 24 years of violent cultural and linguistic extermination. Timor-Leste, the nation, is claiming what it considers rightfully hers due to a historical and common past: the Portuguese language and along with it, the reinvention of her identity. This country in rebirth is seeking reintegration into a space that was once hers, rejoining a history that was once hers, along with her citizens retrieving memories in a language that has already belonged to them. In a country where the words beginning with “re” have a special meaning and *rebuilding* is the watchword, the *reintroduction* of Portuguese language comes to light, through which everything else comes.

¹ Leitora do Instituto Camões na Universidade de Zagreb, Croácia, svalourenco@gmail.com.

The historical gap of 24 years is for many, and not rarely ignored, creating the illusion that we are continuing a process and not to rebuilding it from scratch. New technologies, free circulation, economic, academic and social opportunities give us a completely new and different perspective of the importance of a language nowadays. The question then arises which can also be interpreted as a true challenge – which *lusofonia* (*lusofonias*) can approach, respecting memories, specificities and diverse cultures which are so geographically dispersed, materializing in reality a project that today, satisfies all who share a past, a present and a wish for a future linked to the Portuguese language?

Keywords: Lusofonia; globalization; Portuguese language; Timor-Leste

Uma língua não é uma realidade com futuro, nem sequer presente, por direito divino.

É um ser espiritual vivo, intrinsecamente mortal,
no meio de outras línguas, expressão de históricas vontades de poderio,
de sedução, de afirmações identitárias em estado de guerra cultural.
Eduardo Lourenço

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Refletir acerca de *lusofonia* num período de globalização, no contexto específico de Timor-Leste, implica necessariamente algum distanciamento afetivo quer relativamente à língua portuguesa (LP) e ao que ela representa em termos patrimoniais, quer relativamente à história (mais recente) de Timor-Leste. Na medida em que a era global que atravessamos obriga, na nossa perspetiva, uma abordagem transcontinental, pragmática e, se não mesmo, economicista do conceito *lusofonia* (ou do *espaço lusófono*), consideramos indispensável apontar novos rumos para o projeto *lusófono*, rompendo assim com o seu passado estéril e saudosista, favorecendo o seu avanço enquanto projeto em constante reconstrução.

A internacionalização da LP tem sido amplamente defendida pela *Comunidade de Países de Língua Portuguesa* (CPLP) no sentido de reforçar a posição do português na esfera mundial, enquanto língua de cultura, ciência e de trabalho (negócios), considerando-se a internet uma excelente aliada neste domínio².

Porquê Timor-Leste? Primeiro, por se apresentar como um espaço repleto de contrariedades, em que o passado histórico e identitário se cruza com o presente linguístico e cultural e o futuro se constrói fora das fronteiras territoriais à margem de políticas linguísticas, culturais ou identitárias, cabendo exclusivamente à religião católica a complexa missão de unir tempo, espaços e gerações, acomodando-os confortavelmente na *família lusófona*. Segundo, porque a situação do português em Timor-Leste é sem dúvida um caso singular entre os restantes países de língua oficial portuguesa (LOP), atendendo às suas especificidades linguísticas e culturais, assim como às suas legítimas pretensões económicas e políticas, e por essa razão,

² *Plano de Ação de Brasília para a Promoção, Difusão e Projeção da Língua Portuguesa* (2010) e as cartas dos quatro colóquios já realizados: Colóquio de Maputo (2011), Colóquio da Praia (2010), Colóquio de Guaramiranga (2012) e Colóquio de Luanda (2013).

interessa perceber como se conceptualiza a *lusofonia* numa perspetiva local, regional e global, tendo como pano de fundo a realidade timorense. Terceiro, porque efetivamente o surgimento de Timor-Leste na esfera da lusofonia pode, de algum modo, vir dar razão a alguns lusocéticos no que à *reintrodução* da LP diz respeito.

2. LUSOFONIA – UM CONCEITO POLISSÉMICO

O termo *lusofonia* surge associado a uma pluralidade de significados, que por sua vez traduzem intenções, políticas, afetos, mentalidades, épocas ou necessidades em que quer isoladamente ou combinados entre si transportam-nos para um sem número de dimensões, tais como linguísticas, culturais, identitárias, históricas, ideológicas, imperialistas, neocolonialistas, utópicas, mitológicas, imaginárias, nostálgicas... refletindo, assim, o grau de complexidade de que se reveste o conceito e a dificuldade em delimitar (hoje), conceptualmente, o que se designa por *lusofonia* e *espaço lusófono*³. Portugal é muitas vezes acusado de agir hegemonicamente⁴ na sua relação com os outros países de LP, com a intenção de preservar, em sonhos, os impérios outrora narrados por Camões, Vieira e Pessoa como realça o pensador Eduardo Lourenço – “a lusofonia é hoje o nosso mapa cor-de-rosa, onde todos esses impérios podem ser inscritos, invisíveis e até ridículos para quem nos vê de fora, mas brilhando para nós como uma chama no átrio da nossa alma”. (Lourenço, 2004: 177)

A recetividade do termo *lusófono* para designar moçambicanos, angolanos, são-tomenses, cabo-verdianos, guineenses, brasileiros e portugueses nem sempre é pacífica, pois se para Portugal a questão colonial está resolvida, o mesmo não acontece, por exemplo, com Angola, Moçambique ou Guiné-Bissau, como afirma Eduardo Lourenço “ (...) nem aqui, nem em parte alguma, devemos fazer de conta (...) que o conteúdo e, sobretudo, o eco deste conceito de aparência tão inocente arrastem consigo as mesmas imagens, os mesmos cortejos de fantasmas, os mesmos subentendidos e mal-entendidos, nos diversos espaços que atribuímos, sem uma onça de perplexidade, à ideal ou idealizada esfera lusófona”. (Lourenço, 2004: 175)

Contudo, são já várias as vozes que têm procurado um equilíbrio entre as diversas dimensões que encerram o conceito, contrariando alguns discursos mais antagónicos ou de rejeição, argumentam em favor de uma *lusofonia*, ora enquanto instrumento ideológico⁵, ora como território imaginário de culturas, fragmentado e plural, ou ainda como espaço de unidade e diversidade tendo a língua portuguesa como o principal elemento aglutinador.

No sentido de contestar a condição periférica para onde têm sido relegados a maioria dos países de língua portuguesa (talvez à exceção de Angola e certamente

³ A falta de consenso associada ao termo *lusofonia* não se deve apenas à sua complexidade, mas sobretudo aos discursos político-ideológicos que alternam entre “lusofobias” e “lusofilias” e que por vezes sobressaem aquando da utilização do termo, nomeadamente quando se acusa Portugal de reclamar para si, com aparente (?) saudosismo de tempos áureos, *essa lusofonia*, perante a perplexidade dos restantes países de língua oficial portuguesa.

⁴ Lourenço do Rosário (2007) e Alfredo Margarido (2000).

⁵ Enquanto estratégia de afirmação dos países de língua oficial portuguesa face a outras forças globalizantes.

do Brasil), Inocência Mata aceita falar da *lusofonia* “como um compromisso de alte-ridades, de múltiplas identidades históricas unidas por um sentimento de pertença a uma outra entidade, que se internacionaliza pela língua portuguesa, num mundo globalizado e permeável a relações de hegemonia em termos linguísticos e cultu-rais decorrentes de relações de poder económico.” (Mata, 2004: 100)

Defendendo o “sonho lusófono” enquanto *múltiplos* imaginários plurais, Moisés Martins realça a vantagem da cultura face à globalização de mercados - “aquilo que se joga nesta luta simbólica entre globalização cosmopolita e globalização multi-culturalista é o poder de definir a realidade (...). Neste entendimento, a figura de lusofonia não é uma coisa diferente da realidade social das distintas comunidades nacionais onde se processa esse combate simbólico.” (Martins, 2004: 8)

Um dos principais discursos em prol da *lusofonia*, na sua aceção mais ampla, é aquele que vê a LP como veículo transmissor de tudo o resto, em que “ a lusofonia não se esgota no comum uso da língua, mas de tudo o que o diálogo por ela possibi-litado e facilitado proporciona.” (Cristóvão, 2007: 654). Esta definição é complemen-tada pelo autor de uma forma mais abrangente, desenvolvendo uma argumentação que incide na língua portuguesa, mas manifestando-se em três círculos concêntricos interdependentes entre si⁶:

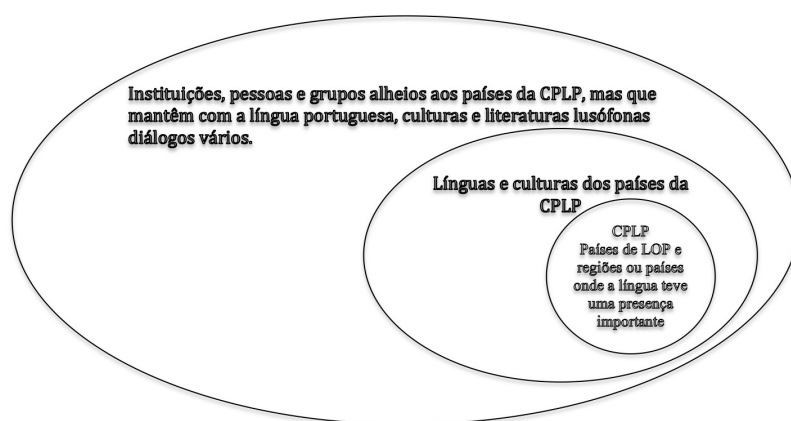


Imagem 1 – Esquema baseado na descrição dos três círculos da Lusofonia (Cristóvão, 2008: 34-37).

É consensual que uma das dimensões mais importantes da *lusofonia* seja a que se prende com a sua matriz linguístico-cultural e com aquilo que lhe está asso-ciado⁷, contudo tem-se defendido que a *lusofonia* deve ser construída com base num

⁶ “Ao primeiro círculo de Lusofonia pertencem os oito países que têm o português como sua língua materna, oficial ou de património e regiões que pertencem a outros países e culturas, mas com as quais partilhamos ou partilhámos a Língua e a História (Galiza, Goa, Macau, Casamansa...). [...] O segundo círculo concêntrico, que envolve o primeiro, é constituído pelas outras línguas e culturas de cada um dos oito países e das regiões lusófonas, que se encontram em contacto entre si e com a língua comum. Contacto esse que, através do diálogo e do intercâmbio, promove e enriquece cada uma dessas línguas e culturas [...]. O terceiro círculo concêntrico, ainda mais amplo, é formado pelas instituições, grupos e pessoas não pertencentes a países e regiões lusófonas, mas que mantêm com a língua comum e as línguas e culturas dos oito países um diálogo de erudição, amizade, simpatia e interesses vários.” (Cristóvão, 2007: 655)

⁷ Nomeadamente, a religião, número de falantes de português, número de países que têm o português como língua oficial (LO), estatutos sociais da língua e as suas implicações em termos concretos num mundo global.

determinado número de fatores, que não exclusivamente o linguístico⁸. Importa ainda não esquecer os papéis que a língua portuguesa possui (ou não possui) em alguns dos espaços em que é falada⁹ e que permitem, por um lado, alargar o âmbito de influência linguística, aumentando estrategicamente as suas potencialidades económicas, sociais e políticas e ampliando o *espaço lusófono*, mas, por outro, parecem não encontrar lugar nesse mesmo projeto lusófono, nas suas aceções mais conservadoras.

É praticamente impossível falar de *lusofonia*, enquanto projeto concreto, sem fazer referência à *Comunidade de Países de Língua Portuguesa* (CPLP)¹⁰, talvez os não raros episódios de confusão entre ambas¹¹ resultem precisamente desta interdependência pouco clara, eventualmente motivada pela ausência de ações concretas junto das populações dos Estados-membros, principalmente das gerações mais novas, principais protagonistas do futuro projeto lusófono¹².

Independentemente das desconfianças e receios que envolvem o conceito de *lusofonia* e da realidade que evoca ou pretende evocar, parece-nos prudente, numa era de globalização “cosmopolita” e “multiculturalista”, olhar para o projeto lusófono também como uma realidade geograficamente desterritorializada que estrategicamente se vai concretizando pela instrumentalização da língua portuguesa e pelo diálogo intercultural – com outros espaços linguísticos, culturais, identitários, educativos, económicos, políticos - em constante reconstrução.

3. LUSOFONIA AO SERVIÇO DA GLOBALIZAÇÃO (?)

“Muitos de nós sentimo-nos agarrados por forças que não dominamos. (...) A impotência que sentimos não é sinal de qualquer fracasso pessoal, reflete apenas a incapacidade das nossas instituições. Precisamos de reconstruir as que temos, ou de as substituir por outras. Porque a globalização não é um incidente passageiro nas nossas vidas. É uma mudança das próprias circunstâncias em que vivemos” (Giddens, 1999: 29). Então, ainda há esperança e é possível progredir e sermos atores num

⁸ Na medida em que o estatuto oficial da língua portuguesa remete para um número bastante reduzido de falantes que se expressa corretamente, certamente não será esse o número correspondente aos milhões de falantes de português.

⁹ Os estatutos de língua materna (LM), língua estrangeira (LE), língua segunda (LS), LO, língua de escolarização, língua de herança, entre outros.

¹⁰ Criada em 1996, enquanto realidade política e executiva, a CPLP é vista como expressão institucionalizada do espaço lusófono, afirmando-se, atualmente como uma comunidade plural, enriquecida pela diversidade cultural, unida em torno do fator linguístico comum, tendo como principais imperativos incentivar a difusão e enriquecimento da LP, incrementar o intercâmbio cultural e estabelecer formas concretas de cooperação entre o português e as línguas nacionais dos Estados-membros. In *Declaração Constitutiva da Comunidade de Países de Língua Portuguesa*, 1996 <http://www.cplp.org/id-48.aspx>

¹¹ A confusão entre os conceitos de “Lusofonia” e de Comunidade dos Países de Língua Portuguesa tem estado na origem de muitas polémicas e a utilização do português como o idioma oficial necessita ser esclarecida. O universo da Lusofonia não coincide sempre com as fronteiras da CPLP e esta, por sua vez inclui povos e comunidades que não têm o português como língua materna. A globalização veio dar uma nova força e atualidade a um conceito de Lusofonia, baseado em raízes culturais. In *Pensar, comunicar, actuar em língua portuguesa - CPLP 10 anos* (2006: 135).

¹² A existência da CPLP encontra-se envolta em polémicas como realça Eduardo Lourenço – “essa nova comunidade tão solenemente formalizada, consagra na ordem da história, da cultura, da língua, um sentimento e uma vivência de objetiva comunhão de memória, ou de vontade, ressentidos pelos povos que agora a constituem, elevando-a a um grau superior? Ou é uma aposta e um desejo, diversamente motivados, de lhe dar um corpo, uma alma e um alento de que só o futuro nos dará o sentido e a chave?” (2004: 162).

palco em constante mutação que afeta tradições, culturas, religiões e onde cada vez mais se desenvolvem forças antagónicas tentando resistir à “massificação cultural”, no sentido de preservarem o que consideram ser a sua identidade cultural própria e definindo o seu “lugar singular” no mundo (Cabecinhas, 2006).

Não obstante os movimentos de resistência criados, as identidades em transformação giram em torno de alguns elementos de proximidade e de identificação cultural. A língua é um dos mais importantes fatores de unidade, quer pelo seu papel de contacto com o exterior no âmbito da comunicação quotidiana, empresarial, científica ou tecnológica, quer pelo papel que desempenha no seio da própria comunidade. No caso particular da grande maioria dos países de LOP, o português coexiste com as línguas locais, não sendo coincidentes nas suas funções, devem assumir-se como parceiras e não em constante competição, visto que cada uma tem o seu espaço no seio da sociedade – talvez neste ponto e numa sociedade global, a lusofonia também precise de se reestruturar, no que a Timor-Leste diz respeito – como muito bem lembra Mia Couto, “as línguas servem para comunicar. Mas elas não apenas “servem”. Elas transcendem essa dimensão funcional. Às vezes, as línguas fazem-nos ser. (...) Ao lado de uma língua que nos faça ser mundo, deve coexistir uma outra que nos faça sair do mundo.” (2009: 26).

A nosso ver, é neste sentido que a LP cria uma comunidade cultural “imaginária”, (Martins, 2004) permitindo que a *lusofonia* se projete a um nível global, dialogando em diversos círculos de interesses numa relação de respeito pela diversidade linguística local (Cristóvão, 2006), preservando a unidade no seio da diversidade e sobrevivendo assim à hegemonia cultural e linguística dos países anglófonos, germânicos ou francófonos¹³ (Mata, 2004).

Na atual conjuntura internacional, em que a permeabilidade de fronteiras é uma das principais consequências da globalização, assiste-se igualmente a um crescimento de movimentos de união regional/local vs. global, nos quais os Estados procuram concertar esforços, almejando melhores condições para a sua inserção num mundo cada vez mais competitivo a nível económico e tecnológico, já que enquanto Estados desorganizados, esse sucesso seria bastante mais difícil de alcançar – repare-se, por exemplo, na fragilidade económica e social de alguns dos países de LOP¹⁴. O domínio da língua de um país parceiro permite uma maior facilidade em comunicar e consequentemente uma diminuição de custos associados a traduções¹⁵ ou outro tipo de transações comerciais. A LP, no caso da *lusofonia*, é o principal elo aglutinador que permite uma concertação estratégica no âmbito da

¹³ No caso de Timor-Leste, uma das razões para a escolha da LP como co-oficial foi precisamente o intuito de defender a identidade timorense, relativamente aos seus “vizinhos” mais desenvolvidos economicamente – Indonésia e Austrália. Neste sentido, entendemos que o papel da Lusofonia num contexto de globalização deva também partir deste princípio, enquanto instrumento estratégico de defesa linguística, cultural e identitária, que por sua vez se reflete na independência económica e diplomática.

¹⁴ A facilidade em formar blocos de cooperação parte muitas vezes de denominadores comuns e numa sociedade global, a utilização dinâmica das línguas é uma necessidade vital, pois como sabemos, parcerias no âmbito económico são muito mais assertivas e bem sucedidas quando antes de tudo existe um laço de identidade entre as partes, por exemplo, a língua.

¹⁵ Veja-se a propósito *Languages for jobs* (2011) do Conselho da Europa.

cultura, educação, economia e diplomacia, no entanto, sabemos que as parcerias e os interesses de cooperação no mundo atual, não se circunscrevem exclusivamente à identificação cultural ou linguística, pois numa sociedade economicista, elementos como a língua e a cultura se não se apresentarem como viáveis fontes de riqueza e prestígio, serão relegados para um plano emocional e afetivo – aquele em que a nosso ver, a lusofonia ainda se encontra. Deste modo, porque não aproveitar o potencial económico da língua portuguesa e da sua “comunidade cultural imaginada” para produzir prosperidade para que essa mesma prosperidade, por sua vez, possa dinamizar a língua e a cultura?

Como é natural em qualquer mudança, as resistências existem e, no caso lusófono, manifestam-se contra uma “subjugação” económica (à qual também nos opomos), insistindo em elevar a língua e a cultura a dimensões filosóficas fora do alcance daqueles que lhes dão vida – os próprios falantes¹⁶.

Têm sido desenvolvidas iniciativas, mais ou menos concertadas entre os vários Estados-membros da CPLP que visam a defesa e a valorização social da língua portuguesa e, conseqüentemente da sua comunidade cultural “imaginária”, projetando-a a nível global com relevância económica e prestígio internacionais¹⁷. O estudo “Potencial Económico da Língua Portuguesa”, de Luís Reto, é um excelente testemunho dessas dinâmicas de valorização económica e cultural da LP. Sabendo que o valor de uma língua não é um dado fixo, havendo variáveis como a ciência, a tecnologia, a economia ou a cultura, que determinam o seu presente e o seu futuro (Reto, 2012: 6), importa então definir políticas que respondam ao crescente interesse que a LP tem suscitado, potenciando oportunidades de negócio.

A história tem testemunhado que a relevância das línguas depende da sua utilização, a qual atualmente se regula por números, com maior ou menor precisão, a língua portuguesa ocupa um dos lugares cimeiros do pódio internacional linguístico, sendo a 4ª língua mais falada do mundo com cerca de 244 milhões de falantes¹⁸, na internet, com cerca de 83 milhões¹⁹, é a 5ª mais utilizada e na mais famosa rede social virtual, o *Facebook*, é a 3ª mais utilizada, com 59 milhões. Destaca-se também o facto de o português ser a 6ª língua mais utilizada em negócios²⁰ e mais recentemente apontada como um dos dez idiomas mais importantes nas próximas décadas²¹. Deste modo, parece-nos que o tradicional número de falantes, contabilizado apenas pelo total da população existente em cada país de LOP (na sua vertente de LM?) pode já estar ultrapassada, não só pelo facto de nem todos falarem português, mas também porque fora desses espaços existem também outros falantes de português.

¹⁶ Neste âmbito, importa salientar a dimensão utilitária/instrumental da língua – criar a necessidade de comunicar em português confere uma certa independência económica, dando liberdade para potenciar o desenvolvimento do campo cultural. Ou seja, *não correndo atrás* da economia, mas que seja *esta a correr atrás* da cultura (e da língua).

¹⁷ Destaca-se a propósito, a difusão e ensino da LP no mundo, direcionado para diferentes públicos – LE, LM, LS, língua de herança, língua para fins específicos – procurando criar necessidades para a sua aprendizagem e simultaneamente potenciar a sua utilização ao nível social, cultural, científico, artístico, tecnológico, económico.

¹⁸ In www.observatorio-lp.sapo.pt

¹⁹ In www.internetworldstats.com

²⁰ Dados recolhidos da revista Bloomberg – Languages for Business, 2011. O ranking não inclui o inglês.

²¹ Relatório *Languages for the future*, British Council (2013), in <http://www.britishcouncil.org/sites/britishcouncil.uk2/files/languages-for-the-future-report.pdf>



Imagem 2

Devido à ausência de projetos económicos relevantes a nível global, poder-se-ia pensar que a lusofonia estaria ameaçada pelas novas tecnologias e por outros blocos linguísticos, mas o que é certo, é que principalmente devido à expansão económica do Brasil, Índia e China, a cultura lusófona, sobretudo na sua dimensão transcontinental, vive uma nova descoberta, colocando-nos na presença de um “boom lusófono” (Lopes, 2003), do qual é reflexo, por exemplo, a reportagem²² sobre o mundo lusófono, recentemente publicada em inglês, pela revista britânica *Monocle*.

Os meios de comunicação social contribuem para a construção e destruição de realidades, o poder é muitas vezes produto da nova tecnologia das comunicações. Grande parte da influência que este mercado de “notícias” exerce acaba por se refletir nos indivíduos, nas suas escolhas profissionais, linguísticas, artísticas, musicais, entre outras que, por sua vez, se difundem a uma dimensão global com um efeito contagiante.

4. TIMOR-LESTE: UMA NAÇÃO LUSÓFONA?

Timor-Leste apresenta-se ao mundo como um novo *espaço lusófono* no contexto das emoções e da afetividade, na medida em que adotou a LP como língua oficial (LO) e de escolarização como forma de *reinventar* a sua identidade²³: “a língua portuguesa é fundamental para a nossa identidade. O próprio tétum, para se desenvolver, precisa do português. Alimenta-se dele” (Horta, 2007)²⁴. A LP, associada à religião católica, foi também uma importante aliada da resistência timorense contra o domínio indonésio, atribuindo-se-lhe, por essa razão, um valor simbólico. Consequentemente, procedeu-se à *reintrodução* da LP – designação nada inocente na complexidade do panorama linguístico timorense – de modo a recuperar os 24 anos em que esteve

²² Na nossa opinião, a reportagem não se mostra muito fiel à realidade, uma vez que alguma da informação que veicula não é de fonte fidedigna, pois podemos encontrar algumas inexactidões, principalmente quando informa acerca do Novo Acordo Ortográfico. No entanto, parece-nos que desempenha a sua função, enquanto objeto de expansão e divulgação internacional do “mundo lusófono” e o facto de o fazer em inglês, preconiza um alcance imensurável.

²³ A estratégia de adotar o português como LO deveu-se sobretudo a uma questão de identidade nacional (Hull, 2001: 35-49)

²⁴ Entrevista a Ramos Horta in *Português, tétum ou tetuguês. A política de língua em Timor*. Jornal Público – suplemento P2, 07/05/2007 por Paulo Moura <http://www.publico.pt/j213807>.

proibida²⁵. Porém, este processo não se tem revelado fácil, pois não se pode ignorar o facto de hoje existir uma nova geração instruída e formada em língua indonésia que perfaz cerca de 31% da população²⁶ que não fala português, oferecendo até alguma resistência para a sua aprendizagem²⁷. Um outro fator relevante prende-se com o número de falantes de português que, segundo o *Census* de 2010, corresponde a 25,2% (fala, escreve e lê em português), contudo, se a questão for colocada ao nível da proficiência²⁸, apenas 1% da população timorense domina (tem consciência de que fala bem) a LP.

Na atual conjuntura global em que também Timor-Leste se encontra, perante o avanço da tecnologia e das telecomunicações e com o reforço do inglês e das comunicações por satélite, é impossível ignorar o rumo da História e do desenvolvimento das sociedades e desejar que 24 anos depois, sejam as relações linguísticas e históricas com outros países de LOP, geograficamente distantes, a ditar a pertença à lusofonia, ignorando investidas económicas, tecnológicas, linguísticas e culturais, estrategicamente mais atraentes, de outros parceiros regionais, esperando que a opção pelo português se faça com base no afeto dos timorenses pela LP. Xanana Gusmão ironiza a propósito: “ficarmos a olhar para o passado a dizer que temos uma história comum e uma cultura comum não dá, saudosistas no tempo e entalados cada um a ver o seu corredor. Estamos colocados em todo o mundo (...) podemos investir em muitos lados. Estamos cada um no seu quintal a olhar um para o outro e a cumprimentar em português ‘olá, bom dia, como está?’ ”²⁹.

Para além do seu carácter simbólico, as novas gerações timorenses não estabelecem com a língua portuguesa laços de especial valoração, podendo até ser perspectivada, tendo em conta o contexto da sua aprendizagem e, sobretudo, em termos de metodologias adequadas de ensino, como estando próxima de uma língua estrangeira, já que é aprendida quase exclusivamente em contexto de ensino formal, sem a presença de um significativo *input* fora da sala de aula (Almeida, 2011: 46). É inegável que falar da LP em Timor-Leste é falar de lusofonia. Timor-Leste faz parte da CPLP, o que pressupõem um maior contacto entre o povo timorense e os povos dos restantes países membros, onde todos são portadores de culturas próprias e de

²⁵ A *reintrodução* da LP tem sido feita por professores portugueses e brasileiros, havendo ainda a cooperação de cubanos. Havia alguma urgência no processo, de forma a que Timor-Leste pudesse recuperar a continuidade histórica, bruscamente interrompida pela invasão indonésia em 1975 e assumir a sua independência na esfera internacional, de modo a que as novas gerações se identificassem com a língua portuguesa e com a História do seu passado, que os aproxima, virtualmente, de uma comunidade lusófona fragmentada e aparentemente, para muitos, sem grandes perspectivas de sucesso à escala mundial.

²⁶ *Population and Housing Census 2010*, DNE, Timor-Leste, 2011.

²⁷ Importa destacar que apenas 16% da população, indivíduos entre os 45 e os 85 anos de idade, revela um domínio aceitável da LP, recordando com saudade o período de administração portuguesa, no entanto não é este o grupo que marcará a diferença no futuro de Timor-Leste associado à LP. (Informações recolhidas em Timor-Leste, entre 2006 e 2010, durante a formação de professores timorenses do ensino secundário e superior, em língua portuguesa. Ao longo de quatro anos de atividade profissional em Timor-Leste (2006-2010) e permanente contacto com professores timorenses provenientes das diversas regiões do território, era notório o registo saudosista relativamente ao período de administração portuguesa (em contraste com a administração indonésia), o qual coincidira com a sua primeira escolarização).

²⁸ *Timor-Leste- Communication and Media Survey*, UNMIT, 2011.

²⁹ Xanana Gusmão em entrevista à LUSA, a propósito da tomada de posse da presidência da CPLP, em julho do próximo ano. In *Económico*, 4/10/2013 http://economico.sapo.pt/noticias/xanana-gusmao-quer-uma-cplp-com-um-cariz-mais-economico_178669.html.

variedades da língua portuguesa que caracterizam o país e o seu povo (Lourenço, 2011: 22). No entanto, não parece que este reconhecimento exista, nem que esteja a ser fomentado “dizemos que há um cordão umbilical linguístico entre nós, mas cada um só olha para a ponta dos seus sapatos” (Gusmão, 2013)³⁰.

Será Timor-Leste um dos *habitantes do espaço lusófono*, partilhando culturas, línguas, afetos, História, tradições, costumes, identificando-se com outros *habitantes* desse mesmo espaço? Existe esse (re)conhecimento mútuo? Será a lusofonia, na complexidade em que é percebida, uma realidade cultural e linguística para os timorenses? Ou estaremos na presença de um novo projeto lusófono?

4.1. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Conscientes de que muitas perguntas ficarão por colocar e por responder, procurámos apresentar pistas que nos apontem direções a seguir primando pela objetividade, se tal é possível quando falamos de lusofonia e globalização.

Neste sentido, procedeu-se à realização de um inquérito junto de um grupo de indivíduos timorenses com o intuito de recolher, de forma muito embrionária, as suas perceções relativamente à lusofonia. Como requisito essencial, os indivíduos deveriam ter acesso às novas tecnologias, ou seja, ao conhecimento na sua vertente virtual e global, uma vez que um maior conhecimento do mundo permite uma perceção mais ampla e informada da própria realidade.

Não se pretende com esta análise generalizar os resultados à população timorense, mas analisar as perceções deste grupo em particular, sabendo que deverão ser interpretadas como fruto de um determinado tempo e espaço. Na discussão dos resultados refletiremos sobre as influências do processo de globalização, por um lado, e o impacto da *lusofonia*, enquanto realidade cultural e linguística, por outro.

5. CARACTERIZAÇÃO DOS INQUIRIDOS

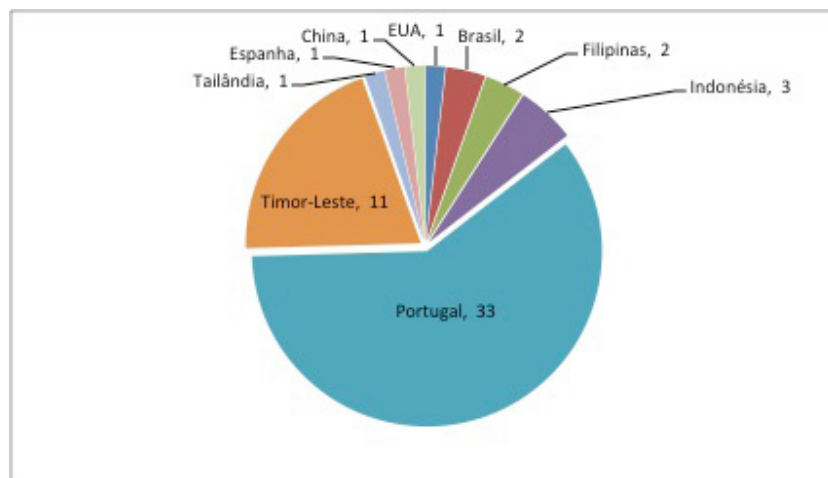
A amostra é constituída por 55 inquiridos,³¹ com idades compreendidas entre os 19 e os 50 anos. Todos têm acesso às novas tecnologias e à informação de modo regular, encontrando-se dispersos geograficamente. Os informantes fazem parte de uma geração que cresceu a lutar pela independência (com uma ou duas exceções), vivendo todo o simbolismo associado à LP durante a resistência ao domínio indonésio, distanciando-se bastante do período colonial português e por essa razão sem preconceitos ou recalamentos coloniais. Têm a LP como parte da sua identidade e da sua história e veem no português uma oportunidade económica e

³⁰ Xanana Gusmão em entrevista à LUSA, a propósito da tomada de posse da presidência da CPLP, em julho do próximo ano. in *Económico*, 4/10/2013 http://economico.sapo.pt/noticias/xanana-gusmao-quer-uma-cplp-com-um-cariz-mais-economico_178669.html.

³¹ Em termos profissionais, os inquiridos encontram-se distribuídos da seguinte forma: dois são funcionários públicos e dois são religiosos, sendo os restantes estudantes e professores. A idade média é de 28,1 anos (desvio-padrão 8,3).

sobretudo profissional, principalmente pelo facto de a maioria estar em Portugal a frequentar o ensino superior. Vivem intensamente a sua religiosidade católica onde quer que estejam, manifestando-a publicamente através das redes sociais virtuais. Atualmente usufruem de programas de enriquecimento académico (licenciatura, mestrado, doutoramento) no âmbito de bolsas de estudo, em áreas estratégicas para o desenvolvimento social e económico de Timor-Leste. A sua permanência nesses países é uma *porta aberta* para o conhecimento, permitindo-lhes transitar por vários outros conforme os seus interesses, necessidades, preferências e valores, no sentido de aumentarem os seus conhecimentos e adquirir uma visão mais ampla do mundo e do *outro*, possibilitando conseqüentemente um maior conhecimento do *eu*.

À data do inquérito (abril 2013), os inquiridos estavam geograficamente distribuídos da seguinte forma:



Localização geográfica dos inquiridos em abril de 2013 (dados em números absolutos)

6. DESCRIÇÃO DO QUESTIONÁRIO

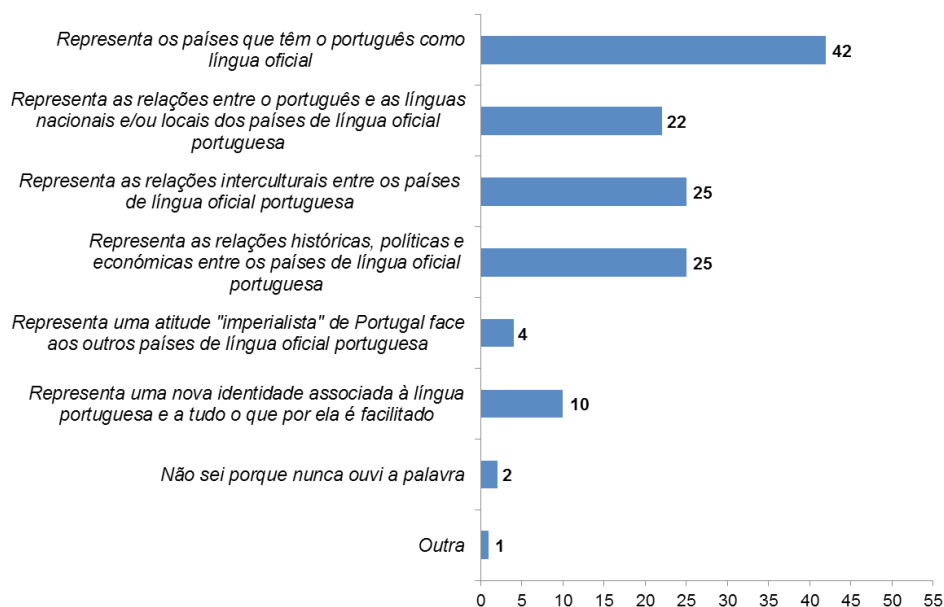
O inquérito foi distribuído via internet por indivíduos timorenses, que por sua vez encaminharam para outros, através de um programa de questionários online - *esurveyspro*. Solicitou-se aos inquiridos que respondessem às questões apresentadas, relativas ao conceito de lusofonia, tendo em conta a sua perspetiva, enquanto timorenses. Todos os inquiridos sabiam que estavam a responder a um questionário realizado por um investigador de nacionalidade portuguesa, assim como ao que se destinava o referido questionário.

As questões e as opções de resposta que constituem o questionário foram definidas com base na complexidade de que se reveste o conceito de lusofonia e nas interpretações normalmente mais difundidas. As questões 1, 2 e 6 são de escolha múltipla. As questões 3, 4 e 5 admitiam apenas uma opção de resposta. Todas as questões permitiam uma sugestão – no campo “outra”.

Todos os gráficos apresentam o número absoluto de inquiridos por resposta.

7. ANÁLISE DOS DADOS:

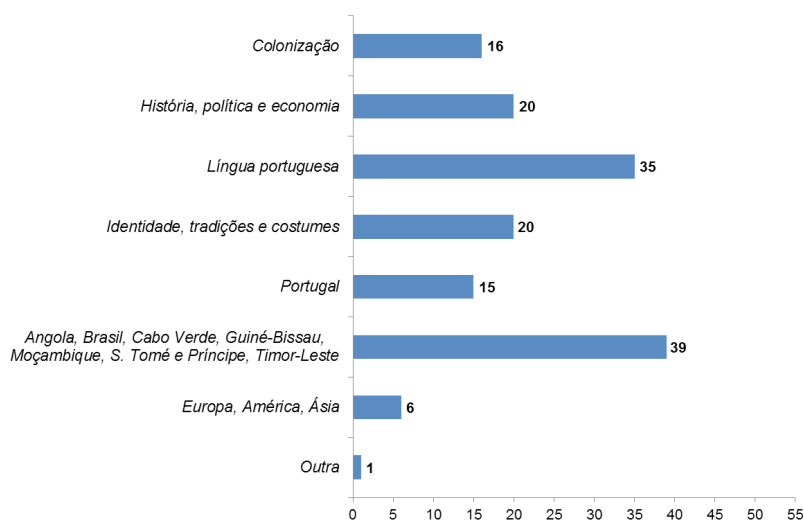
QUESTÃO 1 (ESCOLHA MÚLTIPLA) – O QUE REPRESENTA PARA SI O CONCEITO DE LUSOFONIA?



A opção mais selecionada demonstra que os inquiridos associam o conceito de lusofonia aos países de LOP, traduzindo, possivelmente, uma aproximação à CPLP. É visível um maior enfoque na língua do que na cultura e identidade, não obstante a valorização das relações interculturais. No entanto, salienta-se o facto de a opção relativa às *relações históricas, políticas e económicas* também ter sido bastante assinalada, reconhecendo, não só a relação histórica, mas também as relações atuais que se prendem, por exemplo com acordos de cooperação, indiciando, neste caso, uma perspetiva utilitária das relações entre os diversos países de LOP. O carácter "imperialista" de Portugal não foi tão referenciado, como contrariamente se esperava, face aos testemunhos de oriundos dos países africanos de LOP. Deste modo, entende-se que a maioria dos inquiridos não faz essa associação, provavelmente por fazer parte de uma nova geração sem memórias do colonialismo português, vivendo intensamente a independência do jugo indonésio. É possível que a lacuna ao nível dos conhecimentos da história comum dos restantes países de LOP e do seu, inclusive, não permita compreender plenamente a *atitude imperialista portuguesa*.³²

³² Os dois informantes que referem não ter ouvido a palavra, assinalam todas as opções, pelo que se interpreta a sua seleção como falta de atenção. Um dos inquiridos ao escolher a opção "outra" emitiu um juízo de valor face à língua portuguesa, não sendo relevante para a presente análise.

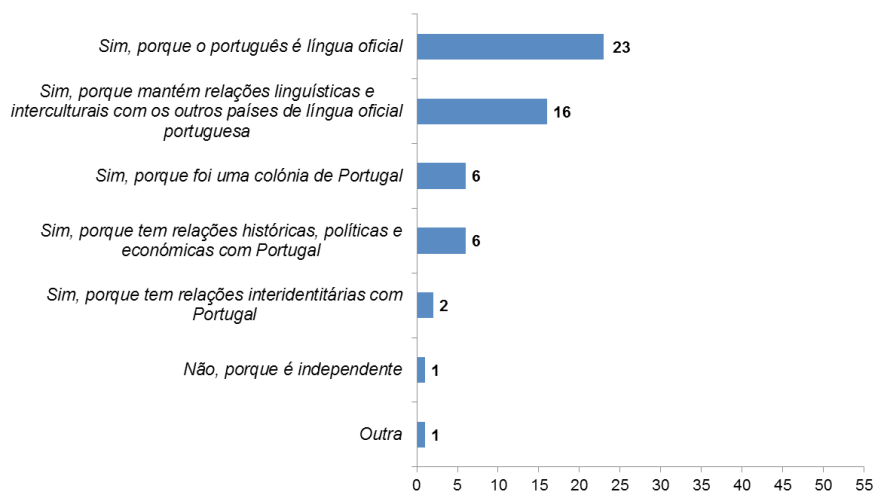
QUESTÃO 2 (ESCOLHA MÚLTIPLA) – “LUSOFONIA” PODE SER ASSOCIADA A ...



Nesta questão nota-se uma associação do conceito aos países colonizados por Portugal, muito mais do que a Portugal. Esta associação pode, eventualmente, corroborar a eterna discussão a que se tem assistido e em que se acusa Portugal de se excluir dos chamados países lusófonos, sendo estes apenas os africanos e, por vezes, o Brasil – é possível que essa imagem seja veiculada, inconscientemente, por razão da História dos descobrimentos. À semelhança da questão anterior, verifica-se, uma vez mais, uma maior associação do termo lusofonia à língua do que a outras realidades, possivelmente pela importância que ela assume em Timor-Leste, aproximando-o de outros espaços (exteriores) – pensa-se que existe uma consciência de que a *língua portuguesa* é exterior à sociedade timorense, ou que os exterioriza de alguma forma. É possível que as restantes realidades, como *história, política, economia, identidade, tradições e costumes* sejam interpretadas como próprias, não se exteriorizando e não lhes reconhecendo, por isso, possíveis relações de contacto com o exterior. Note-se que *colonização* não foi das mais referenciadas, o que demonstra, mais uma vez, a pouca familiaridade que os inquiridos mantêm com a história partilhada do passado colonial português.³³

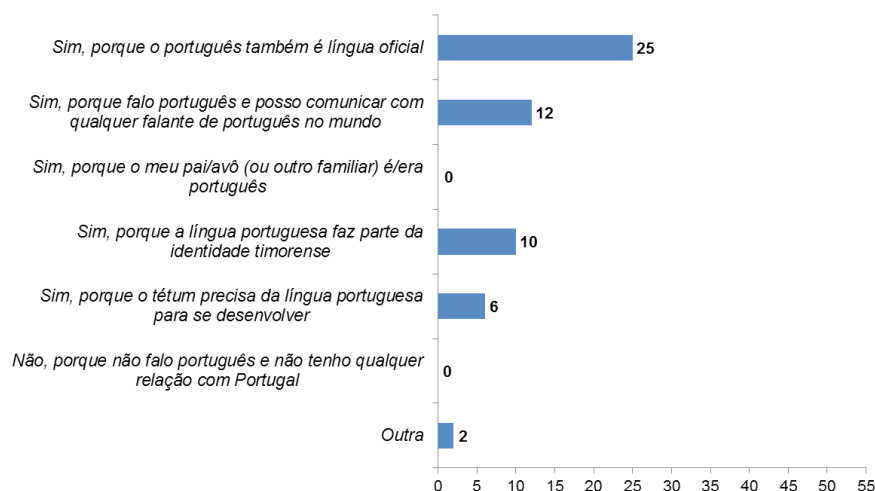
³³ Na opção “outra”, um dos inquiridos acrescentou *países que falam a mesma língua portuguesa*, demonstrando que o conceito lusofonia se traduz também numa relação entre países unidos pela LP.

QUESTÃO 3 (UMA OPÇÃO DE ESCOLHA) – NA SUA OPINIÃO, TIMOR-LESTE É UM PAÍS LUSÓFONO?



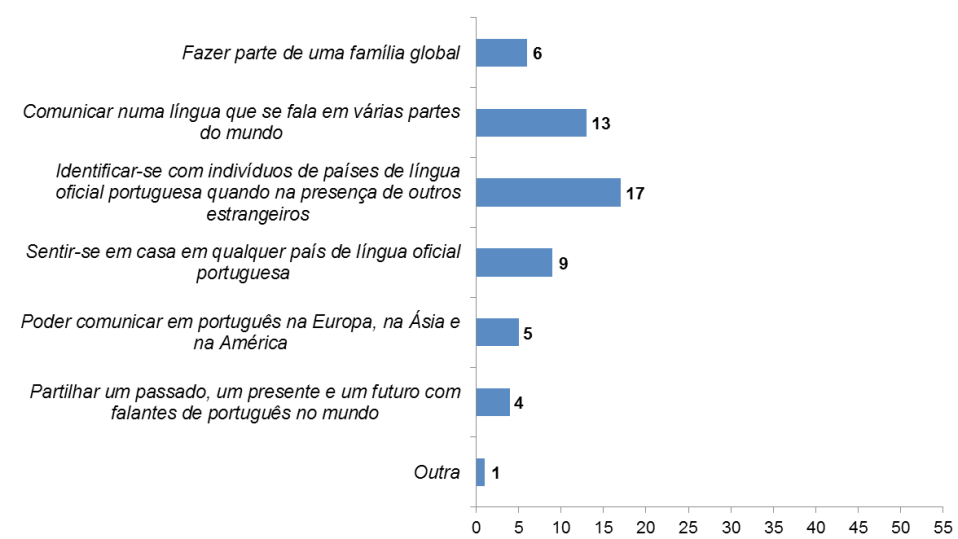
Na impossibilidade de escolher mais do que uma opção, a maioria dos indivíduos optou por considerar Timor-Leste um país lusófono, possivelmente pela associação à oficialidade da LP, confirmando-se o carácter utilitário que a LP tem para este grupo, assim como o desinteresse pela história comum do passado colonial português. Importa também assinalar que a opção *relações linguísticas e interculturais que mantém com os outros países de língua oficial portuguesa* também foi preferida, provavelmente por haver uma referência simultânea às *relações linguísticas e interculturais*, porque como vimos em questões anteriores, há uma clara preferência em associar lusofonia muito mais à língua do que à cultura. É curioso o facto de um dos inquiridos ter selecionado a opção referente à *independência* como um argumento para Timor-Leste não ser considerado lusófono. Esta escolha pode evidenciar lacunas ao nível da compreensão do conceito de lusofonia, da situação política dos restantes países de LOP ou possivelmente uma associação do termo a Portugal, recusando a existência de uma nova forma de subjugação.³⁴

³⁴ Na opção "outra", foi sugerido por um inquirido *língua oficial e história nacional*, o que de certo modo evidencia uma pretensa recuperação das relações com Portugal, ao nível da língua e da história.

QUESTÃO 4 (UMA OPÇÃO DE ESCOLHA) – SENDO TIMORENSE, CONSIDERA-SE TAMBÉM LUSÓFONO?

Esta questão pretendia verificar se existia uma identificação mais pessoal e afetiva com o conceito, no entanto, à semelhança das questões anteriores, o aspeto utilitário da lusofonia, associado ao facto de o português ser LO e veículo de comunicação com o exterior sobressai, não remetendo para questões de carácter simbólico nem afetivo. Importa acrescentar que por esta ordem de ideias, caso o português não fosse língua oficial, possivelmente, os inquiridos não se considerariam lusófonos, pressuposição esta que nos levaria por caminhos bem mais complexos, no sentido de perceber se quem nasce em Timor-Leste é imediatamente lusófono ou se aprende a sê-lo. Surpreendentemente, a proximidade entre a LP e a língua tétum não foi muito referenciada, provavelmente pela falta de consciência dessa mesma proximidade e da necessidade do tétum se desenvolver a partir do português. Subentende-se que nem todo o indivíduo timorense compreende essa relação, contrariamente ao que os especialistas fazem crer. Ninguém selecionou a última opção, notando-se por isso um desejo de pertencer à comunidade lusófona, mesmo que não seja um falante proficiente da LP. Na opção “outra” foram sugeridas: *Cultura e Educação e LO* que, a nosso ver, vem associar a LP à escola (visto que também é língua de escolarização), valorizando-a, e *timorenses que tenham nascido antes de 1999*, notando-se aqui, possivelmente, uma associação a nacionalidade e independência como argumentos para se ser ou não lusófono.

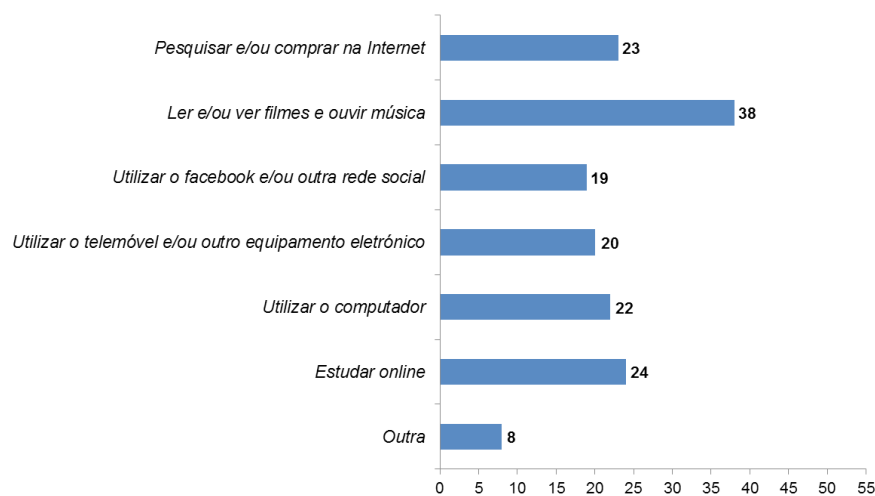
QUESTÃO 5 (UMA OPÇÃO DE ESCOLHA) – SENTIR-SE LUSÓFONO PODE SER...



Esta questão foi aquela que mais dispersou os inquiridos, possivelmente porque o sentimento de pertença à lusofonia não se encontra bem claro, talvez pelo facto de o próprio conceito também não o ser. É possível verificar que ser-se lusófono não possibilita imediatamente uma identificação com outros países de LOP, mas sim quando em contacto com outros indivíduos que não falam português (ou que não são de países de LOP). Contudo, a opção mais escolhida vem confirmar algumas das orientações já manifestadas pelos inquiridos em questões anteriores, nomeadamente o facto de a LP ser um elemento de ligação e de relação entre um determinado grupo de indivíduos, no qual os inquiridos se incluem. O carácter transcontinental da LP também foi uma das principais escolhas, evidenciando um conhecimento geográfico centrado na dispersão e distância entre os países onde se fala o português (ou de LOP), mas possivelmente sem poder precisar os continentes onde esses países se encontram localizados. A partilha de uma história comum (passado, presente e futuro) não foi preferida pela maioria dos inquiridos, possivelmente pelo facto de entenderem a distância geográfica como um entrave a futuras relações e ainda a confirmação de que o passado para os inquiridos timorenses não está relacionado com o colonialismo português, mas com o domínio indonésio (mais recente e mais violento), pelo que não se equaciona uma partilha.³⁵

³⁵ Na opção “outra” foi sugerido *estudo e aprendizagem*, o que pode ser interpretado como uma forma de desenvolver competências, dependendo de uma utilização pragmática da LP.

QUESTÃO 6 (ESCOLHA MÚLTIPLA) – A LÍNGUA PORTUGUESA SERVE-LHE PARA...



Esta questão visa perceber a utilidade que é dada pelos inquiridos à LP, independentemente de ser usada para comunicar ou não, mas sobretudo como recurso extra à comunicação, no sentido de satisfazer uma necessidade ou um interesse³⁶. Deste modo, verifica-se que a maioria dos inquiridos escolheu o uso da LP para aceder ao audiovisual e à leitura. Destacam-se também *estudar online* e *pesquisar e/ou comprar na internet*, apesar de não terem sido a primeira opção. A utilização do *facebook* é a opção em que os inquiridos menos utilizam o português, contrariando possivelmente as nossas expectativas. Na opção “outra”, alguns inquiridos acrescentaram a *comunicação entre si* ou *com falantes de outros países de língua oficial portuguesa* e para ter *acesso a informação de cariz político, cultural e histórico do seu país quando está em língua portuguesa*. Estas propostas parecem conferir à língua portuguesa um papel mediador ou de ponte entre espaços, indivíduos e conhecimento, ou seja, é a LP que os transporta para o exterior.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O facto de os informantes possuírem acesso à internet (requisito essencial) e poderem eventualmente pesquisar acerca do conceito, antes de responderem ao inquérito, era esperado (e até desejável). Pois foi precisamente esse risco (controlado) que quisemos correr, no sentido de demonstrar que a imagem de lusofonia pode ser “fabricada” e, por sua vez, desconstruída e reconstruída novamente, enquanto objeto de reflexão influenciado pela experiência de cada um, repercutindo-se,

³⁶ O facto de a LP em Timor-Leste ser co-oficial, partilhando o estatuto com a língua tétum e o espaço de comunicação internacional com duas outras línguas – o inglês e o malaio (línguas de trabalho), interessava saber que utilidade os inquiridos lhe conferem.

possivelmente, nas suas respostas ao inquérito, apesar de numa forma bastante incipiente (dada a natureza do próprio inquérito).

Neste sentido e de um modo geral, podemos concluir que existe uma percepção positiva do conceito de lusofonia, sendo, porém, mais valorizado quando associado à LP na sua dimensão pragmática, ou seja, de utilidade social – língua oficial. Denota-se igualmente uma percepção consciente do conceito quando relacionado com elementos interculturais no seio da comunidade lusófona, não se verificando, contudo, uma relação entre lusofonia e identidade, como se poderia esperar, tendo em conta as constantes alusões da LP à identidade de Timor-Leste. A relação com os outros países de LOP é quase sempre preferida na sua associação à língua, deixando antever, possivelmente, o desconhecimento das variedades do português que se fala nesses países ou o número real de falantes, condicionantes importantes para determinar uma identificação lusófona. A questão do passado histórico partilhado não é destacada pelos inquiridos, possivelmente porque o seu passado, se prende mais com o domínio indonésio, do que com o colonialismo português (não tendo sido vivenciado pela grande maioria dos inquiridos) sendo, por isso, desvalorizado quando associado à história dos restantes países de LOP.

Para nós, é inegável a existência de uma zona de conforto afetiva e cultural entre os falantes de língua portuguesa, pois as manifestações espontâneas de proximidade e semelhança são imensas, desde a música, à literatura, passando pela arte e gastronomia, projetando-se nos diferentes espaços onde a LP é falada. Contudo, reconhecemos que ainda não existe um conhecimento mútuo das diferentes realidades, não sendo estas partilhadas por todos os que pertencem à comunidade “imaginária” da lusofonia e até que isso aconteça, não é possível afirmar que essas manifestações possam ser definidas como fazendo parte de um espaço lusófono.

É provável que as percepções positivas acerca da lusofonia tenham vindo sobretudo dos inquiridos que estão em Portugal e que convivem com outros jovens de Moçambique, Angola, Cabo Verde, Brasil, e também de outros países onde não se fala a LP, possibilitando referências e proximidades. Neste sentido, é possível que a lusofonia não esteja associada ao espaço onde se nasceu, mas a essa associação que surge em razão de um conjunto de experiências vividas no âmbito dos seus projetos profissionais, pessoais e em contacto com o *outro*. Deste modo, pode inferir-se que o sujeito só se afirma enquanto tal quando em confronto com um objeto, pois é nessa relação que podemos encontrar o sujeito. Pois, se por um lado o indivíduo é autónomo, assumindo uma identidade que pretende ser distintiva, por outro, é dependente do *outro* para a sua plena identificação. É nesse momento que temos consciência de quem somos. Falta um conhecimento do *outro* (moçambicano, angolano, são-tomense, guineense, brasileiro, português, cabo-verdiano) para se saber se somos ou não somos lusófonos.

O facto de estarmos na presença de uma geração que não se identifica com o colonialismo português, vivendo intensamente a sua independência face ao domínio indonésio, era expectável que as suas percepções sobre a lusofonia divergissem

das de outros países de LOP. Deste modo, possivelmente as experiências e vivências de diferentes gerações influenciam o desenvolvimento do projeto lusófono nos diferentes espaços a que está associado.

As novas gerações vivem experiências diversas, baseadas em valores interculturais, de liberdade, de convívio, de respeito pela diversidade (linguística e cultural) e pela diferença. Ainda assim, interagem com o *outro* procurando simultaneamente defender a sua identidade, como que reagindo à aparente tendência para o hibridismo cultural, impiedoso e invasivo, nesta era da globalização. Fazem-no com recurso a uma espécie de escudo identitário que alimenta uma resistência aos elementos de outras comunidades. Um exemplo flagrante é o recurso ao tétum, para a comunicação nas redes sociais, entre muitos dos utilizadores timorenses que vivem fora de Timor-Leste, não porque seja sequer a sua língua materna, mas porque, entre as línguas que partilham, é a que mais lhes dá a sensação de preservação de uma identidade diferente e bem demarcada no espectro global.

Para concluir, a lusofonia hoje tem novos atores, abre novos espaços e novos rumos e encontra-se em permanente reconstrução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Nuno Carlos (2011). *Língua Portuguesa em Timor-Leste: Ensino e Cidadania*. Lisboa: Lidel – Edições Técnicas, Lda.
- Cabecinhas, Rosa (2006) “Identidade e Memória Social: Estudos comparativos em Portugal e em Timor-Leste” in Martins, M., Sousa, H. & Cabecinhas, R. (Eds.) (2006) *Comunicação e Lusofonia: Para uma abordagem crítica da cultura e dos media*, Porto: Campo das Letras, pp. 183-214.
- Comunidade de Países de Língua Portuguesa (1996). *Declaração Constitutiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*, 17 de julho de 1996; www.cplp.org.
- Couto, Mia (2009). *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções*. Caminho.
- Cristóvão, Fernando (2008), Da Lusitanidade à Lusofonia, Uma nova política linguística para o novo tempo de globalização e multiculturalismo, *XV Encontro da AULP*, Universidade Técnica, Lisboa, pp. 34-37.
- Cristóvão, Fernando (2007), Lusofonia, *Dicionário Temático da Lusofonia*, Lisboa, Texto, pp.652-656.
- Giddens, Anthony (1999), *O mundo na era da globalização*. Editorial Presença.
- Hull, Geoffrey (2001). *Timor-Leste: Identidade, Língua e Política Educacional*. [s.l.]: Instituto Camões.
- Lopes, Carlos (2003). *Poeiras no caminho. Portugal e o espaço lusófono*. Revista Crítica de Ciências Sociais [online], 66, posto online no dia 1 de outubro 2012.
- Lourenço, Eduardo (2004), *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Gradiva.
- Lourenço, Soraia Valy (2011). *Um Quadro de Referência para o Ensino do Português em Timor-Leste*. Lisboa: Lidel, Edições Técnicas, Lda.

- Margarido, Alfredo (2000), *A Lusofonia e os lusófonos: Novos Mitos Portugueses*, Lisboa, Ed. Univ. Lusófonas.
- Martins, Moisés de Lemos (2004), Lusofonia e Luso-tropicalismo. Equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários, *Conferência inaugural no X Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa*, São Paulo, 28 Abril - 1 Maio 2004.
- Mata, Inocência (2004), "A Invenção do Espaço Lusófono: a lógica da razão africana" in Amorim, Maria A., Maria J. Craveiro & Maria Lúcia Garcia Marques, *Homo Viator: Estudos em Homenagem a Fernando Cristóvão*, Lisboa, Edições Colibri.
- Reto, Luís (2012) (coord.), *Potencial Económico da Língua Portuguesa*, Texto Editores.
- Rosário, Lourenço do (2007), *Lusofonia: Cultura ou Ideologia?*, IV Simpósio Internacional da Língua Portuguesa. Maputo, Maio.